

FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA: RAÍZES PASSADAS E IRRADIAÇÕES FUTURAS

FUNCTIONALISM IN LINGUISTICS: FORMER ROOTS AND FUTURE IRRADIATIONS

Ivo da Costa do Rosário* (UFF/UFRJ)

RESUMO Este artigo objetiva focalizar alguns aspectos históricos e teóricos relativos ao Funcionalismo em linguística. Segundo a investigação criteriosa de diversos pesquisadores, a linha de pesquisa referente à linguística funcional tem suas raízes nos remotos estudos da Grécia Antiga. Ao longo dos séculos, verificamos oscilações que, de certa forma, iam preparando a institucionalização desse paradigma de investigação. Por fim, no outro extremo, prognosticaremos algumas irradiações dos atuais estudos linguísticos funcionais. Apoiados nos estudos de Castilho (2005), abordaremos os possíveis caminhos a serem trilhados pela linguística baseada no uso, que cada vez mais busca imbricações com outras linhas de pesquisa e correntes teóricas, igualmente preocupadas em descrever o funcionamento das línguas humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo. Teoria multissistêmica. Formalismo. Sociocognitivism.

ABSTRACT: This article aims at focusing some historical and theoretical aspects concerning the Functionalism in linguistics. According to the several researchers' investigation, the research line regarding the functional linguistics has its roots in the remote studies of Old Greece. Along the centuries, we verify oscillations that, in a certain way, they went preparing the institutionalization of that investigation paradigm. Finally, in the other end, we will predict some irradiations of the current functional linguistic studies. Leaning in the studies of Castilho (2005), we will approach the possible roads to be trodden by the linguistics based in the use, that more and more it looks for imbrications with other research lines and theoretical tendencies, equally concerned in describing the operation of the human languages.

KEYWORDS: Functionalism. Multissystemic Theory. Formalism. Sociocognitivism.

* Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorando no curso de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: rosario.ivo@gmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O surgimento da Linguística moderna é normalmente associado à publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral (CLG)*, nos idos 1916, obra que sintetiza os ensinamentos de Ferdinand de Saussure. De fato, devemos reconhecer que o autor suíço possibilitou um verdadeiro corte epistemológico, em termos de teoria e metodologia linguísticas. Redigido por seus discípulos (Bally, Riedlinger e Sechehaye), o CLG ainda suscita diversas polêmicas de ordem teórica e autoral. Vejamos:

A imagem geral é de um pensamento em evolução, no qual as teses que hoje atribuímos a Saussure estão ainda tomando forma, de maneira tensa e, às vezes, pouco clara – exatamente o contrário do que sugere a exposição chapada do *Cours*. (ILARI, 2004, p. 56)

Com efeito, o pensamento saussuriano ainda requer sobremaneira a atenção dos pesquisadores em Linguística. Não menos digno de atenção, contudo, deve ser nosso olhar com relação à tradição dos séculos que precederam o mestre de Genebra. Geralmente nossos manuais de linguística não costumam dar o devido valor a toda a tradição avolumada anteriormente à publicação do CLG. São dignas de nota, por exemplo, os estudos de Whitney, autor lido por Saussure.

De acordo com Mounin (1972, p. 21-23), o pensamento whitneyano já previa o seguinte ideário, muitas vezes identificado ineditamente, de forma errônea, com as investigações linguísticas de Saussure:

- “a língua é um conjunto de signos”;
- “a linguagem humana distingue-se da comunicação animal no sentido de que os signos são arbitrários”;
- “a linguagem, como corpo orgânico, não é um agregado de partículas semelhantes, mas um conjunto de partes unidas umas às outras”;
- “uma língua é, na verdade, um grande sistema, de estrutura complexa e simétrica”.

Como vemos, as asserções acima encerram ideias anteriores a Saussure. A este, coube a missão de refiná-las e aperfeiçoá-las sistematicamente. É verdade que não podemos simplesmente equiparar, de maneira indistinta, as asserções de Whitney às de Saussure, mas devemos reconhecer similaridades profundas.

Saussure tinha suas discordâncias com Whitney, mas, mais importante, não escondia suas muitas concordâncias com aquele autor, em especial quanto à ideia de que os signos linguísticos são arbitrários e convencionais; e quanto à concepção de língua como uma instituição social, em oposição à concepção de língua como um organismo natural. (FARACO, 2004, p. 41)

Fica claro, portanto, que é sumamente proveitoso buscarmos as origens passadas das diversas teorias de investigação linguística. Seria ingênuo demais atribuímos a Saussure, assim como também a Chomsky, Givón, Dik e outros expoentes da ciência linguística, a marca do ineditismo total. Aliás, parece ser comum em qualquer ciência partirmos das ideias anteriores para a expansão e propagação de outras mais modernas.

Também verificamos ainda ser muito incipiente a divulgação das novas descobertas e pesquisas encetadas no âmbito Linguística Geral nas últimas décadas do século XX e neste início do século XXI. Assim, nosso trabalho ambiciona buscar as raízes passadas e as irradiações futuras da linguística, em especial no âmbito do Funcionalismo Linguístico norte-americano, o qual passamos a caracterizar mais pormenorizadamente.

1 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

O Funcionalismo linguístico mantém em seu cerne características de alta complexidade e tensões permanentes. Como não foi diferente com o Estruturalismo, o que chamamos funcionalismo está longe de constituir uma corrente monolítica de pensamento linguístico. Aliás, pode ser comparada com maior propriedade a uma teoria heteróclita e multifacetada.

Segundo Neves (2001, p. 1),

caracterizar o *funcionalismo* é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes de estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam.

Pezatti (2004, p. 167) afirma que Bates, ciente da diversidade de linhas de investigação presentes no interior do funcionalismo linguístico, chegou a comparar essa corrente linguística ao Protestantismo: um grupo de seitas antagônicas que concordam somente na rejeição à autoridade do Papa. Essa analogia, contudo, parece ser um pouco excessiva e inadequada, já que podemos reconhecer alguns aspectos comuns aos chamados funcionalismos. Vejamos:

- 1) A concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social;
- 2) O estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real;
- 3) A impossível separação entre sistema e uso. Este funciona como o gerador daquele.

Dik (1987 apud NEVES, 2001, p. 46-47) resume esquematicamente o que caracterizaria o paradigma funcionalista em suas diversas vertentes e o coteja com o paradigma formalista. Vejamos:

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não-estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais linguísticos	Propriedades inatas do organismo.	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Quadro 1: Paradigma formal x Paradigma funcional (NEVES, 2001, p. 46-47).

Por meio do quadro 1, podemos ter uma visão bastante abrangente dos pressupostos teóricos básicos do funcionalismo linguístico, sendo possível, portanto, uma certa sistematização em torno das semelhanças que agrupam as diversas vertentes reunidas em seu bojo.

2 RAÍZES PASSADAS DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Pezatti (2004, p. 166) reconhece a importância de revermos as raízes do funcionalismo linguístico. Para tal, a autora recorre ao século precedente a Saussure em busca de similitudes entre a teoria funcional e os autores daquela época. Vejamos:

Segundo DeLancey (2001), o funcionalismo moderno é, de certo modo, um retorno à concepção de linguistas anteriores a Saussure, como Whitney, von der Gabelentz e Hermann Paul, que assentaram o enfoque linguístico em fenômenos sincrônicos e diacrônicos no final do século XIX, entendendo que se deve explicar a estrutura linguística em termos de imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais. (PEZATTI, 2004, p. 166)

Como vemos, é bem anterior à segunda metade do século XX a ideia de que a estrutura linguística é moldada pelo uso. Ainda nas palavras de Pezatti (2004, p. 166), o funcionalismo funcionou como uma reatualização de antigos princípios sufocados pela novidade da teoria gerativo-transformacional, cuja gênese está implicada intimamente aos estudos chomskyanos.

Se quisermos ir mais longe, remontaremos à Antiguidade Grega. De acordo com Cunha et alii (2003), data dessa época a polêmica em torno da motivação entre expressão e conteúdo da língua. Essa questão já estava no bojo das perquirições helênicas ao proporem uma divisão entre *convencionalistas* e *naturalistas*. Vejamos:

Enquanto os primeiros (*convencionalistas*) defendiam que tudo na língua era convencional, mero resultado do costume e da tradição, os naturalistas afirmavam que as palavras eram, de fato, apropriadas por natureza às coisas que elas significavam. Essas especulações filosóficas têm seus desdobramentos no debate posterior entre *anomalistas* e *analogistas* acerca da (ir)regularidade da estrutura linguística. (CUNHA et alii, 2003, p. 30)

Devemos sublinhar que não é possível associarmos sinonimicamente as visões teóricas acima. Ou seja, as preocupações dos primeiros (*convencionalistas x naturalistas*) eram distintas das dos outros (*analogistas x anomalistas*). Aqueles fixavam-se nas relações entre as “coisas do mundo” e suas designações; estes, nas relações no tocante às regularidades do sistema linguístico. Entretanto, as semelhanças não podem ser desprezadas, já que uma questão é resultado do desdobramento de outra. As discussões acerca da iconicidade ou arbitrariedade do signo repousam necessariamente nesses antigos pressupostos teóricos.

De acordo com Heine et alii (1991, p. 5), a noção de gramaticalização, cara ao funcionalismo, foi primeiramente reconhecida no Oriente. Os autores afirmam que desde o século X, os escritores chineses já distinguiam entre símbolos linguísticos “cheios” e símbolos “vazios”. Foi Zhou Bo-qi, da dinastia Yuan, quem argumentou que os símbolos vazios eram provenientes de símbolos cheios de épocas anteriores.

Faraco (2004) sublinha, no século XVIII, a importância dos estudos do juiz inglês William Jones, que se dedicou aos estudos do sânscrito. Segundo as investigações de Jones, o grego e o latim guardavam grande semelhança com o foco de sua pesquisa, o

sânscrito. Diante de tal constatação, extraíram-se importantes conclusões de suas pesquisas. Vejamos:

Por meio desse movimento investigativo, agrupou-se uma vasta quantidade de dados e se incorporou ao pensamento, de modo sistemático, o princípio de que as línguas mudam no tempo; de que é possível relacionar grupos de línguas por terem elas uma demonstrável origem comum; e de que é até possível reconstruir, por comparações e inferências, vários aspectos desses estágios anteriores não documentados. (FARACO, 2005, p. 30)

É impressionante a semelhança desse método de investigação utilizado pelo juiz inglês com o que é utilizado nos processos de gramaticalização, entendida como processo de regularização da mudança linguística. Vejamos uma das utilidades do paradigma da gramaticalização, tal como apresentada por Haspelmath (2002):

Os estudos na área de gramaticalização são bastante importantes para a linguística histórico-comparativa. Suponhamos haver duas línguas relacionadas sem qualquer documentação histórica e uma delas tem um afixo de tempo futuro que parece ser similar ao auxiliar de tempo futuro de outra língua. Se ambas as direções de mudança fossem igualmente prováveis, nós não saberíamos o que reconstruir em termos da língua ancestral. Mas, porque a **gramaticalização** é fortemente irreversível, o linguista histórico pode, com grande margem de segurança, reconstruir o auxiliar de futuro para a protolíngua, neste caso.

Como vemos, a gramaticalização parece estar no cerne dos estudos histórico-comparativistas, pelo menos em sua concepção mais clássica, que prevê um contínuo de mudanças baseada ao longo do tempo. Baseando-se no princípio da unidirecionalidade da mudança linguística, os autores funcionalistas, à maneira dos histórico-comparativistas, tornaram-se aptos a reconstruir estágios anteriores da língua em seus aspectos morfossintáticos e também semântico-pragmáticos.

É verdade que modernamente a gramaticalização apresenta-se como um instrumento de investigação que vai além de comparações entre as línguas, entretanto não podemos deixar de ver aí também um ponto de semelhança entre as antigas investigações filológicas e os atuais estudos funcionalistas.

Ainda no século XVIII, os filósofos franceses Etienne Bonnot de Condillac e Jean Jacques Rousseau afirmavam que os lexemas concretos teriam originado vocábulos abstratos. Parece ser de Condillac (1746) a percepção de que as flexões verbais, como os sufixos, teriam vindo de palavras independentes mais antigas. Segundo Heine et alii (1991, p. 5), pode ter sido aí que os gramáticos comparativistas extraíram sua inspiração para os estudos do indo-europeu, a partir do século XIX.

Tal foi a importância dos estudos de Condillac que Heine et alii (1991, p. 5) conferem a Horne Tooke, contemporâneo daquele, o título de “*pai dos estudos em gramaticalização*”.

Segundo Tooke, o “segredo” das palavras reside em sua etimologia. Este autor afirmava que advérbios, preposições e conjunções resultariam da abreviação ou “mutilação” de “palavras necessárias”, ou seja, de nomes e de verbos.

Após Tooke, vieram Franz Bopp, Humboldt, Wülnner, Whitney, Michel Bréal, entre outros, que foram refinando progressivamente as intuições dos seus predecessores até chegarmos a Meillet, que foi quem cunhou o termo *gramaticalização*, primeiramente utilizado em 1912, em seu trabalho denominado *L'évolution des formes grammaticales*. É necessário afirmarmos, contudo, que seu mérito não está somente na criação do termo, mas também no fato de ter justificado a relevância dos estudos de gramaticalização como uma das maiores atividades na ciência da linguagem.

Antoine Meillet insistiu na ideia de *continuum*, bastante utilizada até os nossos dias, para expressar a transição de itens lexicais (*mots principaux*) para auxiliares e outros morfemas com função gramatical (*mots accessoires*), também chamadas de “palavras vazias” (*mots vides*). Também é uma contribuição do autor francês a ideia de que o aumento de frequência de uso está em correlação inversa à perda do valor expressivo das palavras.

Outra área que merece destaque é a da língua falada. Comumente associamos os estudos funcionalistas às investigações nesse âmbito. Para sermos mais precisos, segundo Pezatti (2004, p. 166), é por volta dos anos de 1970 que surge a chamada *Análise da Conversação*. Devemos ressaltar, contudo, que foi em 1856-1857 que surgiu o primeiro estudo de uma língua indo-europeia feito a partir da fala e não de textos escritos. O protagonista nesse tipo de trabalho foi Schleicher, cujo estudo baseou-se no lituano. Sem dúvida, esse foi um passo metodológico importante para todos os estudos linguísticos que irromperiam em todo século XX e início do século XXI.

Outro fato importante ocorrido no século XIX foi no ano de 1878, que costuma ser identificado com a data inicial do movimento neogramático. Foi nesse ano que se publicou o primeiro número da revista *Morphologischen Untersuchungen (Investigações morfológicas)*, fundada por Hermann Osthoff e Karl Brugmann. Tais autores rompem com a concepção naturalista de língua cultivada por grande parte de seus predecessores e reinauguram uma era da linguística cujo escopo de investigação baseia-se na língua ligada ao indivíduo falante. Segundo Faraco (2005, p. 34), os neogramáticos pregavam que “a língua existe no indivíduo e as mudanças se originam nele”.

Uma vez que o funcionalismo prevê a força do uso como o motor da mudança, é bastante plausível traçarmos uma observação de cunho analógico entre o que propunham os neogramáticos e o que defendem os funcionalistas: o estudo linguístico deve partir do uso, baseado nos falantes reais e não em abstrações e em modelos ideais.

Cabe, aqui, uma observação bastante importante: os neogramáticos já não se importavam com a questão da reconstrução de protolínguas, nem mesmo com a reconstrução do indo-europeu, como faziam os comparativistas; ao contrário, seu interesse residia mais especificamente na apreensão da natureza da mudança, ou seja, nos seus mecanismos históricos gerais.

Já na segunda metade do século XX, mais especificamente por volta de 1960, dá-se o nascimento da Sociolinguística, alguns anos antes do Funcionalismo norte-americano. A percepção científica da existência das variedades de fala numa comunidade, condicionadas por fatores como o gênero, a idade e o nível de escolaridade do falante, segundo Faraco (2004, p. 39), estão na base dos estudos sociolinguísticos. O estudo desses fatores, todavia, vem de uma época um pouco mais remota. Na verdade, foi Hugo Schuchardt (1842-1927), linguista austríaco, um dos maiores estudiosos dessas questões cujos desdobramentos criaram o terreno propício para o nascimento da Sociolinguística baseada em Labov.

Nesse percurso histórico, não podemos deixar de citar a famosa Escola Linguística de Praga, fundada em 1926, cujos expoentes foram Roman Jakobson e Nikolaj Trubetzkoy. Essa escola linguística “desenvolveu-se entre as duas guerras mundiais, e beneficiou-se do fato de ter conseguido harmonizar os ensinamentos de Saussure com outra importante linha de reflexão sobre a linguagem, a do psicólogo vienense Karl Bühler” (ILARI, 2004, p. 69).

A escola linguística de Praga sempre reconheceu sua dívida com o estruturalismo saussureano, apesar de sua tendência a rejeitar o ponto de vista de Saussure em certos pontos, especialmente na distinção nítida entre linguística sincrônica e diacrônica e na homogeneidade do sistema linguístico.

É indiscutível que os linguistas de Praga notabilizaram-se pelos estudos fonético-fonológicos, principalmente por meio das investigações de Trubetzkoy; contudo, um dos interesses duradouros do Círculo Linguístico de Praga diz respeito à estrutura gramatical das línguas, ou seja, à conhecida *perspectiva funcional da sentença*, cuja gênese está associada à importante figura do linguista praguense Wilhem Mathesius, cuja docência é contemporânea à de Saussure.

Lyons (1970), nesse aspecto, traduz os ensinamentos dos linguistas de Praga. Vejamos:

Na medida em que a ordenação das palavras é considerada uma questão de sintaxe, podemos dizer que, pelo menos em algumas línguas, a estrutura sintática dos enunciados (ou das sentenças) é determinada pela situação de comunicação em que é pronunciada, e em particular, pelo que já é aceito, ou *dado* como informação de fundo, e pelo que é apresentado, diante de tal informação, como *novo* para o ouvinte e portanto genuinamente informativo. Considerações dessa natureza estão envolvidas na definição daquilo que os linguistas da Escola de Praga denominaram perspectiva funcional da sentença. (LYONS, 1970, p. 210)

A ideia de que a comunicação afeta dinamicamente nossos conhecimentos e nossa consciência das situações, segundo Ilari (2004, p. 69), hoje é “quase banal, mas em seu tempo altamente revolucionária”. Com essa concepção dinâmica de comunicação, Mathesius pôde sugerir as noções de *tema* (parte menos dinâmica) e *rema* (parte mais dinâmica).

O modelo proposto por Mathesius, mais tarde, serviu como matriz para os estudos de Franticek Danes, Ian Firbas e M. A. K. Halliday, levando-os a uma concepção de sintaxe que consiste em descrever cada sentença em vários níveis, estabelecendo entre eles algum tipo de mapeamento marcado ou não-marcado (cf. ILARI, 2004, p. 70).

Vale a pena frisarmos que os conceitos de *marcação* e *articulação*, *tema x rema* permanecem até hoje em muitos estudos funcionalistas. Cunha et alii (2003, p. 34) recuperam o princípio da marcação e o associam a subprincípios de *iconicidade*, entendida como a correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo). Vejamos:

- a) *complexidade estrutural* – a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;
- b) *distribuição de frequência* – a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente;
- c) *complexidade cognitiva* – a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente.

Ainda segundo Lyons (1970), é muito diversificada a terminologia e a interpretação dadas aos vários tratamentos funcionalistas no âmbito da Escola de Praga. Há, porém, um ponto em comum, ou seja, o de que a estrutura dos enunciados é determinada pelo uso que lhes é dado e pelo contexto comunicativo em que ocorrem. Tal asserção é o motor propulsor de todas as pesquisas desenvolvidas desde essa época até os dias de hoje, no funcionalismo linguístico. É a partir daí que notamos a introdução do caráter interacional da comunicação humana nos estudos da linguagem.

Procuramos, assim, por meio desse tópico, trazer à tona os pontos de convergência mais notáveis entre as teorias linguísticas passadas e o Funcionalismo Linguístico. Não foi nosso objetivo esgotar o assunto tampouco evidenciar os pontos divergentes que certamente são numerosos. À guisa de exemplo, devemos sublinhar que a corrente neogramática marcava-se por um subjetivismo e psicologismo tão marcantes que reduziam a língua à psique individual humana. O caráter social, portanto, frequentemente era

preterido. Da mesma forma, apesar de termos pontos de contato entre os estudos whitneyanos e os estudos funcionalistas, somos os primeiros a observar que é de Whitney que Saussure extrai grande parte dos conceitos que fundamentarão o estruturalismo, polo formalista da linguística. É de Whitney, por exemplo, a ideia de que a língua é uma *instituição social pura*. Vejamos:

Whitney defendia a necessidade de uma ciência autônoma da linguagem que deveria diferenciar-se do estudo histórico-comparativo (sem negá-lo, em razão da 'duas faces' da linguagem: sistema e história) e ser independente das ciências naturais e da psicologia. Seu objeto seria a linguagem enquanto sistema de signos arbitrários e convencionais, visto não como um mero agregado de partículas, mas como um conjunto de partes ligadas entre si e ajudando-se mutuamente; como um sistema ordenado de articulações com relações que o percorrem em todos os sentidos. Em suma, a linguagem como uma instituição social (e não natural) e como um sistema autônomo (definido por relações imanentes). (FARACO, 2004, p. 42)

Quanto aos neogramáticos, devemos reproduzir aqui algumas de suas crenças, apontadas por Borba (1970, p. 30), que vão frontalmente contra os pressupostos funcionalistas:

- 1ª - preocupação exclusiva pelos estudos diacrônicos;
- 2ª - interpretação fisiológica da mudança linguística;
- 3ª - crença nas fronteiras linguísticas como limites rigorosos.
- 4ª - concepção das línguas como unidades, com descuido das flutuações, variações e forças diversas que operam, num dado momento, na língua;

Enfim, nosso objetivo até o momento foi simplesmente mostrar os pontos de contato e as *raízes passadas* do funcionalismo, e não tentar comprovar um suposto caráter determinístico que estabeleceria os pressupostos funcionalistas futuros.

3 IRRADIAÇÕES FUTURAS DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Toda teoria linguística está sujeita a alterações. Se assim não o fosse, não haveria motivo para encetarmos pesquisas de cunho teórico e empírico, cujos resultados retroalimentam nossas posturas científicas. Com o funcionalismo linguístico não é diferente. Nesta parte do trabalho, analisaremos as relações do funcionalismo com os estudos de base cognitivista e também as suas relações com a teoria dos sistemas complexos.

Segundo Koch e Cunha-Lima (2004, p. 251), os estudos cognitivistas baseiam-se mais num "conjunto de preocupações e uma agenda investigativa em ascensão na Linguística atual do que nos resultados de um programa fechado de pesquisa". O surgimento de trabalhos nessa área data de 1950, quando as ciências cognitivas emergiram como reação ao Behaviorismo.

Segundo os pressupostos cognitivistas, mente e corpo devem ser vistos como uma unidade, cuja separação só pode ser feita para efeitos didáticos. Na verdade, em vez da dicotomia mente *versus* corpo, investe-se na noção de mente como fenômeno corporificado. Apoiando-se em Varella, Thompson e Rosch (1992), Koch e Cunha-Lima (2004, p. 275) afirmam que “nossa cognição é o resultado das nossas ações e das nossas capacidades sensório-motoras”.

Segundo o sociocognitivismo, que propõe a incorporação de aspectos sociais e culturais à compreensão que se tem do processamento cognitivo, o importante é nos perguntarmos como a cognição se constitui na interação. A compreensão da linguagem, portanto, passa pelo entendimento de como “os falantes se coordenam para fazer alguma coisa juntos, utilizando simultaneamente recursos internos, individuais, cognitivos e recursos sociais” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 255).

A reunião dos postulados teóricos defendidos pelos sociocognitivistas aliados ao funcionalismo gerou o que passou a ser chamado *Funcionalismo Cognitivo*. Segundo essa perspectiva teórica, o significado não está encapsulado nem no léxico e nem na gramática. Na verdade, ambos forneceriam restrições esquemáticas que o usuário da língua deveria levar em conta para interpretar/produzir significações.

Essa nova linha de investigação, que mescla funcionalismo e cognitivismo, apropriou-se da gramática das construções de Adele Goldberg, além dos conhecimentos de metáfora e metonímia, de Lakoff e Johnson, Taylor, entre outros, além de diversos conhecimentos mais modernos ligados à ciência cognitiva da linguagem.

Por fim, abordaremos o funcionalismo linguístico sob a ótica da teoria dos sistemas complexos, tal como estudada por Castilho (2005). Inicialmente, o autor diagnostica a atual situação dos estudos linguísticos:

- 1º - A abordagem funcionalista da mudança linguística passa nesta altura por uma crise derivada de seu hesitante ponto de vista sobre a língua, em que se combina a abordagem clássica que focaliza os produtos a uma abordagem pouco clara, em que se focalizam os processos;
- 2º - A formulação de uma teoria sobre a língua entendida como um sistema complexo e dinâmico, que trate adequadamente os processos deve ser vista como alternativa;
- 3º - Deve-se organizar uma nova agenda sobre a mudança linguística, focada em processos e produtos linguísticos, ordenados em quatro blocos: (i) lexicalização e léxico; (ii) semanticização e semântica; (iii) discursivização e discurso; (iv) gramaticalização e gramática.

De acordo com Castilho (2005), a definição clássica de gramaticalização associa-se a um conjunto de alterações por que passa um item lexical durante as quais ele ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas. A exegese dos estudos de gramaticalização, segundo o autor, “mostra que seus pesquisadores parecem assumir a língua como uma entidade heróclita, estática, passível de uma representação linear em que as categorias são dispostas umas após as outras, de tal forma que derivações podem ser estabelecidas entre elas”.

A seu ver, os partidários da gramaticalização, tratada classicamente, costumam esposar as seguintes percepções sobre a língua, ainda que de forma não-explicita:

1º - As línguas naturais são conjuntos de signos lineares e suas modificações ocorrem unidirecionalmente;

A concepção de língua subjacente aos princípios acima revela um processo de mudança por gramaticalização em que cada estágio corresponde a um ponto na línguinha. A mudança para o estágio posterior só ocorreria mediante a passagem por outro anterior.

2º - Os produtos linguísticos avançam do léxico para a gramática, de tal sorte que categorias lexicais dão origem a categorias gramaticais;

Segundo essa concepção, léxico e gramática são compartimentos distintos, uma vez que a passagem de um item ao outro acusa a transferência de domínios. Se itens lexicais passam para o domínio da gramática, segundo Castilho (2005), é porque antes eram desprovidos de conteúdo gramatical. Marcam-se, portanto, fronteiras entre um domínio e outro.

3º - A fonética, a sintaxe, a semântica e o discurso são domínios linguísticos conectados por derivações.

De acordo com Castilho (2005), a gramaticalização transformou-se num epifenômeno capaz de abranger fenômenos muito distintos entre si como a erosão fonética, a descategorização, a recategorização, expansão de usos sintáticos, enfraquecimento semântico, enfim, num processo difícil de ser caracterizado, já que abrange ocorrências bastante distintas entre si.

A grande tensão modernamente estabelecida é a que coteja a ciência clássica e a ciência dos sistemas complexos (também chamada esta última de *Teoria do Caos*). Segundo Castilho (2005), se queremos entender a gramaticalização como um fenômeno “em andamento”, como nos faz supor o próprio sufixo *-zação*, é necessário rompermos com a visão que vimos cultivando até os dias atuais. Afinal de contas, as ciências clássicas tomam como objeto os produtos, enquanto que as ciências dos sistemas complexos tomam como objeto os processos dinâmicos que deram origem a esses processos. Vejamos as principais diferenças entre ambos os sistemas científicos:

Ciência clássica
<ol style="list-style-type: none">1. Os fenômenos encontrados na natureza são desordenados e confusos, ocultando sua regularidade;2. Para assegurar alguns resultados e conclusões, temos de considerar os dados em sua estatividade;3. Os sistemas identificados pela abordagem clássica têm uma grande elegância conceptual e uma notável simplicidade analítica;4. O caminho para a descoberta científica é maiormente dedutivo. Cada situação é traduzida em termos matemáticos, um modelo é construído, e de agora em diante, as ocorrências serão explicadas de acordo com esse modelo.
Ciência dos sistemas complexos
<ol style="list-style-type: none">1. Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança – como queria Heráclito;2 – Os sistemas não lineares, dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível;3 – Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não construídos passo-a-passo, não linearmente.

Quadro 2: Ciência clássica x Ciência dos sistemas complexos

Ao adotar a ciência dos sistemas complexos, Castilho (2005) afirmou não ser possível encontrar no quadro das ciências clássicas a esperada elegância e previsibilidade na ordem que se supunha existir por toda parte. Por meio da nova concepção científica da

linguagem, é possível tratarmos os casos residuais como processos criativos e não como exceções incômodas. Assim, os chamados casos de antigramaticalização não seriam vistos como exceções a uma regra geral, mas parte natural dos processos de mudança. Enfim, o casuístico encontraria também maior prestígio no campo da investigação linguística.

Segundo essa nova concepção, os sistemas não são lineares, nem ordenados, nem mesmo estáveis. Eles combinam estabilidade e caos, num contínuo fazer-se simultâneo, e não passo-a-passo. Enfim, passa-se a advogar um verdadeiro polifuncionalismo radial. Toda a mudança epistemológica pode ser enquadrada não numa concepção de língua-como-produto, mas numa concepção de língua-como-processo. A essa concepção de língua-como-processo, baseada na ciência dos sistemas complexos, denominamos *Linguística Multissistêmica*. Longe de constituir um programa definido de investigação, encontra-se, na verdade, em sua epigênese.

Segundo Castilho (2005), a *Linguística Multissistêmica* parte dos seguintes postulados:

- 1º - As categorias multissistêmicas são multilineares e dinâmicas, rejeitando-se entendê-las como lineares, estáticas;
- 2º - Essas categorias não se sucedem umas às outras, pois são simultâneas. Assume-se que uma palavra, uma construção ou um texto comportam simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais;
- 3º - Não é possível derivar categorias semânticas, gramaticais e discursivas umas de outras, pois elas convivem, e atuam em subsistemas dotados de dinâmica própria.

Como vemos, parece estarmos diante de um nosso corte epistemológico, com vistas ao enfraquecimento da compartimentação científica praticada nos séculos passados. Segundo a teoria aqui enfocada, a ciência tem sua razão de ser quando toma por base uma metodologia transdisciplinar, em que os estudos linguísticos abrem-se a diversas outras áreas de investigação científica.

A nosso ver, o modelo proposto, no Brasil, por Castilho (2005), não vai contra os postulados anteriormente apresentados dentro deste capítulo; na verdade, entendemos o *funcionalismo cognitivo* como parte valiosa para a efetivação do projeto de pesquisa ensejado pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao introduzir este artigo, objetivávamos traçar um perfil dos extremos do funcionalismo linguístico (as remotas origens de ideias subjacentes a seus postulados, por um lado, e as prováveis irradiações futuras, por outro). Como consta no título desta pesquisa, empreendemos a tarefa de buscar as antigas fontes linguísticas e filológicas que serviram de inspiração para o funcionalismo, portanto, suas *raízes passadas*; e tentamos entrever seus possíveis desdobramentos, ou seja, suas *irradiações futuras*.

Nosso artigo serviu para evidenciar, sem a preocupação com juízo de valor, o aspecto dinâmico da ciência da linguagem. Constatamos que a sobreposição de autores, teorias e escolas linguísticas retroalimentam-se num contínuo devenir. Parece bastante razoável que as perquirições científicas estejam ligadas aos momentos pelos quais os homens vivem, o que nos leva a confessar a não-neutralidade da ciência, seja em qual campo for. Assim, em momentos de profundo psicologismo, temos tendências psicologizantes; em momentos de grande sociologismo, tendências sociologizantes, e daí em diante.

As paixões humanas e a provisoriedade das verdades científicas dão-nos certo conforto e, de certa forma, abrem espaço para as divergências e para o advento de novas ideias, teorias e especulações. Assim o foi desde o nascimento da ciência em substituição à mentalidade fantástica e mística dos homens e mulheres dos séculos passados.

Nosso objeto, tal como exposto na introdução, foi aproximar as antigas contribuições dos linguistas e filólogos anteriores à década de 70 do século XX aos pressupostos teóricos básicos da Linguística Funcional. Além disso, foi nosso objetivo também procurar o que modernamente tem sido pesquisado em termos funcionais.

Sem querer esgotar o assunto e já confessando o caráter provisório de nossa reflexão (como seria em qualquer campo das ciências), temos a concluir que a riqueza dos estudos linguísticos baseia-se justamente em sua heterogeneidade e na sua multiplicidade de concepções. A pluralidade de sistemas e de teorias, como foi no passado, também provavelmente continuará sendo no futuro uma constante.

Enfim, a ciência da linguagem reafirma-se como um grande campo propenso a inúmeras pesquisas cuja inspiração está situada em seu caráter provisório por natureza, transitório em essência. Portanto, cabe a nós, pesquisadores, estarmos atentos às vicissitudes da linguagem e dispostos a investigá-las, imbuídos de determinação e de espírito científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Nacional, 1970.
- CASTILHO, Ataliba T. *Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica*. São Paulo: 2005, mimeo.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da et alii. *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Vol. 3: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.
- HASPELMATH, Martins. *On directionality in language change with particular reference to grammaticalization*. Leipzig, 2002. mimeo.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Vol. 3: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luíza. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Vol. 3: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- MOUNIN, Georges. *La Linguística del siglo XX*. Madrid: Gredos, 1972.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Vol. 3: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística*. Vol. 3: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

Recebido em 6 de maio de 2010.

Aceito em 20 de outubro de 2010.